

As lacunas e as gralhas no primeiro livro impresso em língua portuguesa

José Barbosa Machado
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

1. Introdução

O *Sacramental*, obra castelhana redigida entre 1420 e 1423 por Clemente Sánchez de Vercial, teve quatro edições em Portugal, duas no século XV¹ e duas no século XVI. Existe um exemplar na Biblioteca do Rio de Janeiro que se supõe pertencer à edição de 1488 impressa em Chaves, referida no *Primeiro Ensaio sobre a História Literária de Portugal* (1845: pp. 87 e 320-321) de Francisco Freire de Carvalho e no volume II do *Dicionário Bibliográfico Português* (1876, vol. II: pp. 82-84) de Inocêncio Francisco da Silva. Se estas notícias estiverem correctas, e não há qualquer razão para suspeitarmos do contrário, o *Sacramental* da Biblioteca do Rio de Janeiro pode ser considerado um dos exemplares do primeiro livro impresso em língua portuguesa conhecido.

O texto do exemplar da Biblioteca do Rio de Janeiro é uma tradução portuguesa do castelhano. O tradutor não se deu a grandes liberdades estilísticas, quiçá pelo facto de a obra ser um manual de instruções no âmbito dos sacramentos e essas liberdades lhe serem vedadas. O texto contém milhares de anomalias gráficas (gralhas, lacunas, acrescentos, repetições, traduções incorrectas, etc.). Neste nosso trabalho pretendemos comparar estas anomalias com as que surgem nalgumas das edições incunabulares anteriores em língua castelhana, para podermos chegar a algumas conclusões relativas à tradição textual por um lado e à fixação temporal da impressão do incunábulo por outro.

As anomalias gráficas devem-se a quatro factores diferentes: à pré-existência das mesmas no texto castelhano que serviu de base à tradução portuguesa – e estas são a grande maioria, como veremos mais à frente –, à desatenção do tradutor, ao descuido do impressor no momento em que compunha o livro e às dificuldades de leitura do original. O primeiro livro impresso em língua portuguesa, talvez pelo facto de ser o primeiro, não é pois um exemplo a dar no que diz respeito à fidelidade ao texto original que lhe deu origem e à qualidade gráfica.

O *Sacramental* da Biblioteca do Rio de Janeiro contém anomalias que ultrapassam significativamente qualquer edição do género. Tendo tomado a iniciativa de fazer uma edição-semidiplomática do texto, a publicar em breve, contabilizámos as seguintes anomalias: perto de 800 na primeira parte; mais de 700 na segunda e mais de 2000 na terceira, o que perfaz um total de cerca de 3500 irregularidades numa obra de 318 páginas a duas colunas, havendo uma média de onze irregularidades por página. Nalgumas das páginas concentra-se maior número, devido talvez a falhas já existentes no original que serviu de base à edição, como fólhos deteriorados, borrações de tinta ou rasuras do texto. Este facto leva-nos a suspeitar que não houve uma conveniente revisão do texto antes da impressão definitiva, coisa que não aconteceu com as edições portuguesas de 1502 e de 1539, que foram revistas através da confrontação com outras edições castelhanas.²

¹ Foi recentemente descoberto por Valentina Sul Mendes que o incunábulo RES. 154 A da Biblioteca Nacional de Lisboa, identificado como pertencente à edição de 1539 impressa em Braga, pertence afinal a uma edição até agora desconhecida e impressa entre 1494 e 1500.

² Sobre o problema da revisão de provas nos incunábulos, vide Konrad Habler, *Introducción al Estudio de los Incunables*, Madrid, Ollero & Ramos Editores, 1995, pp. 189-192.

Se excluirmos os dois incunábulos de 1465 e de 1470 de que há notícia mas que se encontram actualmente desaparecidos, constatamos que há três grupos de incunábulos em língua castelhana anteriores a 1488, a data em que foi impressa a edição de Chaves e a que pertencerá o incunábulo da Biblioteca do Rio de Janeiro. O primeiro grupo, com duas edições diferentes provavelmente impressas em 1475 (*B1* e *B2*), terá sido realizado nas oficinas de Fadrique Biel de Basilea em Burgos. O segundo grupo, com duas edições diferentes impressas entre 1477 e 1478, terá saído de uma oficina em Toulouse (*T1* e *T2*). O terceiro grupo, com duas edições, uma de 1477 (*S1*) e outra de 1478 (*S2*), foram realizadas nas oficinas de Anton Martinez, Bartolomé Segura e Alfonso del Puerto em Sevilha. Os dois primeiros grupos, que constituem as edições de Burgos e de Toulouse, baseiam-se na mesma tradição manuscrita (*Tr1*). De facto, a numeração dos capítulos e, como veremos, muitas das gralhas, lacunas e acrescentos são semelhantes. O terceiro conjunto baseia-se numa tradição manuscrita diferente (*Tr2*) que partilha características com o Manuscrito 9370 (*Ms1*) e o Manuscrito 56 (*Ms2*), ambos da Biblioteca Nacional de Espanha. Os incunábulos portugueses de 1488 (*C*) e de 1502 (*L*) partilham características com os grupos de incunábulos impressos em Burgos e em Toulouse (*Tr1*), embora não tenham sido directamente baseados em nenhum deles, levando-nos por isso a concluir que o texto de base terá sido um manuscrito da mesma tradição e que corria em Portugal no século XV.

Apresentamos um exemplo de uma das muitas lacunas presentes no incunábulo da Biblioteca do Rio de Janeiro (*C*) que se repete noutras edições e que confirmam a existência das duas tradições manuscritas:

Tr1 (transcrição com lacuna)	Tr2 (transcrição completa)
por menosprecio dexase de oyr [...] la missa toda (<i>B1, T1</i>)	por menospreçio dexasse la missa de oyr peccaria mortalmête. Et deue oyr la missa toda (<i>Ms2</i>)
por menosprecio dexase de oyr [...] missa toda (<i>B2, T2</i>)	por menospreçio dexase de oyr la missa pecaria mortal. E deue oyr la missa toda (<i>S1</i>)
por menospreço deyxasse de ouuir [...] myssa toda (<i>C</i>)	por menospreçio dexase de oyr la missa pecaria mortal mête. E deue oyr la missa toda (<i>S2</i>)
por menospreço leyxasse de ouuir [...] missa toda (<i>L</i>)	

Num outro exemplo, a passagem veiculada por Tr1 é bastante confusa, parecendo haver repetição de alguns termos:

Tr1	Tr2
Pecamos con <i>nuestros</i> padres contra iusticia obramos maldad feçimos pecados con <i>nuestros</i> padres Contra dios contra iusticia obras contra nuestro <i>proximo</i> maldat feçimos ã nos mesmos. (<i>B1, B2, T1, T2</i>)	pecamos <i>contra</i> los <i>nuestros</i> padres <i>contra</i> dios e <i>contra</i> justiçia obramos <i>contra</i> <i>nuestros</i> proximos maldad feçimos en nos mesmos.. (<i>Ms1</i>)
Pecamos con nossos padres cõtra justiça obramos maldade feçimos pecados com nossos padres contra <i>Deus</i> e cõtra justiça obras cõtra noso <i>proximo</i> maldade feçimos ã nos mesmos. (<i>C, L</i>)	Pecamos con <i>nuestros</i> padres. <i>contra</i> dios. <i>contra</i> justiçia obramos <i>contra</i> cõtra <i>nuestro</i> proximo. maldad feziemos en nos mesmos. (<i>Ms2</i>)
	Pecamos con <i>nuestros</i> padres. <i>contra</i> dios. <i>contra</i> iusticia obramos <i>contra</i> nuestro <i>proximo</i> . Maldad feçimos en nos mesmos. (<i>S1, S2</i>)

2. Anomalias gráficas presentes apenas no incunábulo do Rio de Janeiro

O incunábulo da Biblioteca do Rio de Janeiro apresenta vários tipos de anomalias que não estão presentes nas outras edições, quer portuguesas, quer castelhanas, sendo por isso da responsabilidade, ou do tradutor português, ou do impressor. Das anomalias detectadas, chamamos a atenção para as seguintes: gralhas pontuais devidas ao impressor (troca de letras, ausência dos sinais de nasalização e da cedilha); lacunas pontuais (de letras ou de sílabas); repetições de palavras ou de expressões; lacunas de frases, palavras ou expressões pelo facto de o tradutor ou impressor ter saltado linhas à frente.

As anomalias tipográficas da primeira parte da obra resumem-se no seguinte quadro:

Gralhas corrigidas e com notícia em rodapé	Lacunas de letras e sílabas resolvidas	Lacunas de palavras e expressões resolvidas a partir de <i>L</i>	Repetições reduzidas e com notícia em rodapé
48	45	49	4

As gralhas tipográficas detectadas, e que não se repetem em nenhuma das outras edições consultadas, foram corrigidas do seguinte modo: sêteçeararum > sêteçearum; cathezizo > cathezizo; pelloss > pellos; vemter > ventre; alaguũ > alguũ; podode > pode; inotencia > inocencia; seu > sen; çomeco > começo; libro > libre; ve malia > venialia; juuidus > jnuuidus; Quarto > Quatro; ã > he; .xxx. > .xxxij.; ao corpos > ao corpo; contrayro > contrayra; titotolo (2 vezes) > titolo; Snñor (2 vezes) > Señor; Se > Fe; cuosas > cousas; terçeyro > terçeyro; apapareçem > apareçem; ferora > fer, ora; enuioo > enuiao; cõplam > cõplam; mester > mestre; O osegũdo > O segũdo; qñito > quinto; sereees > serees; etrenam > eternam; qnita > quinta; toddo > todo; oirs > oris; Santiçicado > Santificado; colo > celo; nos çeeo > no çeeo; dauos > danos; señor > seño; golriosso > glorioso; reçebẽdodo > reçebẽdo; escolhyddo > escolhydo; insture > instrue; o febre > a febre; adero > adoro.

As lacunas tipográficas de letras e sílabas foram resolvidas do seguinte modo, tendo em conta a lição da edição de Lisboa de 1502 (*L*): [Hu]guiçius; ter[ç]ia; deixa[das]; huma[ni]dade; resu[r]gio; dexte[r]an; mynist[r]ar; rreg[n]ũ; [apare]lhamẽto; a[par]tamẽto; prepara[t]us; sanc[t]o; aver[ey] (duas vezes); no[s] ceos; resp[l]andesca; reg[n]um; vẽ[t]ris; disçer[n]e; semel[h]auel; semel[h]amça; conssel[h]o; mer[ç]imẽtos; [J]oseph; Ad[a]m; n[o]ueno; di[n]heiro; est[e]; [a]graua; c[o]usas; quã[t]as; largam[ent]e; rrese[s]tir; a[l]ma; ensy[n]ar; cou[sas]; iusti[ci]am; [d]elle; governa[r]; fil[h]a; mo[r]taees; gu[a]rdar; nesçecida[de]; pous[a]das; [a]postolo.

As lacunas de palavras e expressões foram resolvidas, na sua grande maioria, através da edição de 1502 impressa em Lisboa.

As repetições encontradas, tais como: *no no*; *riquezas rriquezas*; *que que*; *Titulo .v. que coussa he fe. Titulo .v. que coussa he fe*, foram reduzidas.

3. Correspondência de gralhas, lacunas e variantes entre as várias edições

Na primeira parte da obra, comparando as diferentes edições por nós estudadas (as duas de Burgos (*B1* e *B2*), as duas de Toulouse (*T1* e *T2*), as duas de Sevilha de 1477 e 1478 respectivamente (*S1* e *S2*), a de Chaves (*C*) e a de Lisboa (*L*)), contabilizámos as seguintes correspondências³:

Situação 1	anomalias existentes em B1, B2, T1, T2, C e L	84
Situação 2	anomalias existentes em T1, T2, C e L	59

³ Estas correspondências contabilizam apenas as formas em português. Em latim foram detectadas na primeira parte da obra 62 anomalias, que não serão aqui tratadas.

Situação 3	anomalias existentes em T1, C e L	8
Situação 4	anomalias existentes em T2, C e L	6
Situação 5	anomalias existentes em C, L	91
Situação 6	anomalias existentes apenas em C	27
Situação 7	confusões com a forma castelhana em C e L	8

Na grande maioria dos casos, a forma correcta é a que surge em *S1* e *S2*. Nalguns casos, as gralhas e as lacunas foram corrigidas em *L*.

Da situação 1, transcrevemos os seguintes exemplos:

- accidya (B1, B2) / acidia (T1) / açidia (T2) / acerca (S1, S2) / açidia (C); acidia (L)
- asi (B1, B2, T1, T2) / ay (S1, S2) / asy (C) / Assy (L);
- aueras (B1, B2, T1, T2) / adoraras (S1, S2) / aueras (C, L);
- cõfiança (B1, T2) / confiança (B2) / confiãça (T1) / desconfiança (S1, S2) (S2) / confiança (C, L);
- coraçõ (B1, B2) / coraçõn (T1, T2) / cuerpo (S1, S2) / coraçõ (C) / coraçõn (L);
- cosas (B1, B2, T1, T2) / partes (S1, S2) / cousas (C, L);
- creyere (B1, B2, T1, T2) / troxere (S1) / troxiere (S2) / creer (C, L);
- fãras (B1, B2, T1, T2) / diras (S1, S2) / faras (C, L);
- fãria (B1, B2, T1, T2) / ferida (S1, S2) / fãria (C) / farja (L);
- flores (B1, B2, T1, T2) / fojas (S1, S2) / flores (C, L);
- foyir (B1, T1, T2) / Fuyr (B2) / E oyr (S1, S2) / fogir (C) / fogyr (L);
- matar (B1, B2, T1, T2) / mentir (S1, S2) / matar (C, L);
- mõte (B1, T2) / monte (B2, T1) / fuerte (S1, S2) / monte (C, L);
- saluador (B1, B2, T1, T2) / seõnor (S1, S2) / saluador (C, L);
- salud (B1, B2, T1, T2) / saluacion (S1, S2) / saude (C, L);
- substancia (B1, B2, T2) / sustança (T1) / su ymagẽ (S1) / su ymagen (S2) / sustança (C, L);
- theologia (B1, B2, T1, T2) / ethymologya (S1) / ethimologia (S2) / theologia (C, L);
- vocaciõ (B1, B2, T2) / vocacion (T1) / creaciõ (S1) / creacion (S2) / vocaçõ (C) / vocaçã (L);

Em três casos houve correcção no incunábulo de Lisboa a partir das edições da segunda tradição:

- pertinencia (B1) / pertinência (B2, T1, T2) / pertinacia (S1, S2) / pertinência (C) / pertinacia (L);
- al folgazan (B1, B2, T1, T2) / ala folgãça (S1) / ala folgança (S2) / ao folgazam (C) / ao folgãça (L);
- aquellos que le (B1, B2, T1, T2) / aquellos quelo (S1, S2) / aquellos que lhe (C) / aquellos que lho (L);

A análise destes dados leva-nos a considerar a existência da duas tradições textuais castelhanas já referidas: aquela que deu origem às edições de Burgos (*B1* e *B2*) e de Toulouse (*T1* e *T2*) e depois à de Chaves de 1488 (*C*) e à de Lisboa de 1502 (*L*); e uma outra, documentada através dos manuscritos *Ms1* e *Ms2* e através das edições de Sevilha (*S1* e *S2*). As inúmeras gralhas que se repetem em *B1*, *B2*, *T1*, *T2*, *C* e *L* e que são omissas nas edições de Sevilha fazem disso prova.

Da situação 2, ou seja, anomalias existentes em *T1*, *T2*, *C* e *L*, transcrevemos os seguintes exemplos:

- añade (B1, B2) / entiendo (T1, T2) / añade (S1, S2) / êtende (C, L);
- comunicã (B1, B2) / comiẽça (T1) / comiençan (T2) / comunicã (S1, S2) / começam (C, L);
- delicados (B1, B2) / deleytosos (T1, T2) / delicados (S1, S2) / deleytosos (C) / delejtosos (L);
- delito (B1, B2) / deleyte (T1, T2) / delito (S1, S2) / deleyte (C, L);
- e hordena (B1, B2) / e ordenança (T1, T2) / a ordenança (S1, S2) / e ordenãça (C, L);
- fue (B1, B2) / que (T1, T2) / fue (S1, S2) / que (C, L);
- fuera (B1, B2) / fuerça (T1, T2) / fuera (S1, S2) / força (C, L);
- habominaciõ (B1) / habominacion (B2) / habitacion (T1) / avitaçõn (T2) / abituaciõ (S1) / abituacion (S2) / auitaçõ (C, L);
- Malicia (B1, B2) / Acidia (T1) / Açidia (T2) / Malicia (S1, S2) / Acidia (C, L);
- padres (B1, B2) / pecadores (T1, T2) / padres (S1, S2) / pecadores (C, L);
- paz (B1, B2) / pan (T1, T2) / paz (S1, S2) / pan (C) / pam (L);

- santo Agostin (B1, B2) / Santiago (T1, T2) / sanct Agustin (S1) / sant Agustin (S2) / ssantiago (C) / Santyago (L);
- sufrir (B1) / sofrir (B2) / fuir (T1) / foyr (T2) / soffrir (S1, S2) / fugir (C) / fugyr (L);
- viento (B1, B2) / viendo (T1) / veyêdo (T2) / viento (S1, S2) / veendo (C, L);
- ynocencia (B1) / ygnocêcia (B2) / ygnorançia (T1) / inorancia (T2) / ynocencia (S1) / ynoçençia (S1) / jgnorãcia (C) / ynorancia (L);

Correcções em *L*:

- fazê asi mismos (B1) / fazen a si mesmos (B2) / faze asi mismo (T1, T2) / fazen a si mesmos (S1, S2) / faz a si mesmo (C) / fazê a sy mesmos (L)
- prueua se (B1, B2) / procurase (T1, T2) / prueuase (S1, S2) / procurase (C) / prouasse (L);
- si es (B1, B2) / sy no es (T1) / si no es (T2) / si es (S1, S2) / se nõ (C) / se he (L)

Através destes dados, podemos constatar que, das edições da primeira tradição, as que mais se aproximam da edição de Chaves são as de Toulouse (T1 e T2), sendo pertinente colocarmos a hipótese de o original manuscrito que esteve na origem das três ter sido, se não o mesmo, pelo menos originário do mesmo *scriptorium*.

Da situação 3, ou seja, anomalias existentes em *T1*, *C* e *L*, transcrevemos os seguintes (e únicos) exemplos:

- es en (B1, B2) / en (T1) / es (T2) / es en (S1, S2) / en (C) / he (L);
- faze en (B1, B2) / Fazen (T1) / Fazen en (T2) / faze en (S1, S2) / fazem (C) / fazê (L);
- flaca (B1, B2) / aflaca (T1) / flaca (T2) / flaca (S1, S2) / aflaca (C) / flaca (L);
- se saluã (B1, B2) / se lauã (T1) / se saluan (T2) / se saluã (S1) / se saluan (S2) / se lauã (C, L);
- Iohã de Calderin (B1, B2) / Johan de Cadederin (T1) / *falta a página* (T2) / Johan de Calderin (S1) / Joan de Calderin (S2) / Joham de Cadaderin (C) / Johã Calderino (L);
- Cruniego (B1, B2) / Crumego (T1) / *falta a página* (T2) / Cruniego (S1, S2) / Crumego (C, L);

Nos dois últimos casos (*Iohã de Calderin* e *Cruniego*), pelo facto de faltar a página correspondente ao incunábulo T2 que consultámos, é impossível confirmar a lição.

Da situação 4, ou seja, anomalias existentes em *T2*, *C* e *L*, transcrevemos os seguintes (e também únicos) exemplos:

- cerimoniales (B1, B2) / cirimoniales (T1) / criminales (T2) / cerimoniales (S1, S2) / criminaees (C, L);
- estauamos (B1, B2, T1) / estamos (T2) / estauamos (S1, S2) / estamos (C, L);
- *expressão omissa* (B1, B2, T1) / pecados sobre dichos (T2) / pecados mortales (S1, S2) / pecados sobre ditos (C) / pecados sobreditos (L);
- fazer (B1, B2, T1) / Faze (T2) / fazer (S1, S2) / faz (C, L);
- Lo segũdo el que es (B1, B2) / Lo segundo que es (T1) / Lo segũdo que el (T2) / Lo segũdo es que el que es (S1) / Lo segundo es que el que es (S2) / O ssegũdo que ho (C) / O ij. que o (L);
- Obrar (B1, B2) / abras (T1) / obras (T2) / Obrar (S1, S2) / obras (C, L);

Não se pode provar, quer a partir dos exemplos da situação 2, quer dos exemplos da situação 4, que algum dos incunábulo impressos em Toulouse tenha servido de base ao incunábulo português de 1488, uma vez que ambos têm, individualmente, semelhanças e diferenças no que diz respeito a incorrecções e alterações. Rosemarie Erika Horch, comparando algumas das características dos vários incunábulo conhecidos, concluiu que aquele que tem mais semelhanças com o incunábulo português existente na Biblioteca do Rio de Janeiro é o *T1* (cfr. Horch, 1985: 172, 173). Uma vez que essas características se prendem mais com questões de edição e impressão, externas portanto ao texto, será contraproducente considerarmos a hipótese de este incunábulo estar na base do incunábulo português. Avançaríamos mais para a hipótese de o texto que esteve na base do incunábulo de 1488 ter

sido um manuscrito em português, não muito anterior à data da impressão, que poderia ser a tradução de um dos incunábulo de Toulouse, ou até mesmo de um manuscrito da mesma tradição. Daí talvez explicarem-se muitas das gralhas e variantes que ocorrem apenas no texto português e que contabilizámos nas situações 5, 6 e 7 (*vid. supra*). De facto há erros que só poderão ser explicáveis se houver incompreensão na leitura de um texto manuscrito.

Da situação 5, ou seja, gralhas e alterações que surgem apenas em *C* e *L*, transcrevemos os seguintes exemplos:⁴

- a su casa (B1, B2, T1, T2, S1, S2) / a sustança (C) / a sustãcia (L);
- acometer (B1, B2, T1, T2, S1, S2) / acomteer (C) / acontecer (L);
- aya (B1, B2, T1, T2, S1, S2) / auia (C) / auja (L)
- cõtine (B1, B2) / contiene (T1, T2) / cõtienẽ (S1) / contienen (S2) / êtẽde (C) / êtende (L);
- creemos (B1, B2, T2, S1, S2) / creemoss (T1) / creamos (C, L);
- cunãdez (B1, B2, T1, T2, S1, S2) / cunhado (C, L);
- decreto (B1, B2, T1, T2, S1, S2) / credo (C, L);
- demuestro (B1, B2, T1, T2, S1, S2) / mostrou (C, L);
- dezia (B1, B2, T1, T2, S1, S2) / diz (C, L);
- dize se (B1, B2, T1) / dizese (T2, S1, S2) / disse (C, L);
- dyze se (B1, B2, T1, S1, S2) / dizese (T2) / diz (C, L);
- iuglares (B1, B2) / juglares (T1, T2, S1, S2) / julgares (C, L);
- quanto (B1, B2, T1, T2, S1, S2) / quãdo (C) / quando (L);
- rrecrece (B1, B2, T1) / rrecreçe (T2) / recresce (S1, S2) / rrecebe (C) / reçebe (L);
- veye (B1) / vee (B2) / veyere (T1, T2) / veye (S1, S2) / vira (C) / vjra (L);
- Yconomica (B1, B2, T1, T2) / Iconomica (S1, S2) / Economica (C, L)

Estes dados confirmam a antiguidade do incunábulo da Biblioteca do Rio de Janeiro em relação à edição de Lisboa de 1502, problema levantado por alguns especialistas e que poria em questão a data do mesmo incunábulo. O incunábulo da Biblioteca do Rio de Janeiro é sem dúvida anterior ao de Lisboa e terá servido ao impressor João Pedro de Cremona para fazer essa edição. Apesar das correcções a que foi sujeita, certamente a partir de uma das edições de Sevilha (possivelmente de *S2*), manteve grande parte das incorrecções e lacunas existentes no incunábulo da Biblioteca do Rio de Janeiro.

Da situação 6, ou seja, gralhas e alterações que surgem apenas em *C*, transcrevemos os seguintes exemplos:

- apropiaciones (B1, B2, S1, S2) / apropiaciones (T1) / apropiaciones (T2) / apropiossyçõees (C) / apropiacõdes (L);
- canonicas (B1, B2, T1, T2, S1, S2, L) / cãtadas (C);
- comũ (B1, T2, L) / comun (B2, T1, S1, S2) / cumuũa (C);
- concebido (B1, B2, S1, S2) / conçevido (T1) / cõçebido (T2) / conçedido (C) / cõcibido (L);
- Continencia (B1) / Continẽcia (B2, T1) / cõtĩnẽcia (T2) / Contynencia (S1) / Continencia (S2) / cõtẽda (C) / continẽcia (L);
- Dar posada (B1, B2, T1, T2, S1, S2) / dar pasada (C) / dar pousada (L);
- delos (B1, B2, T1, T2, S1, S2) / Deus (< de') (C) / dos (L);
- deshordenado (B1, B2) / desordenado (T1, T2, S1, S2, L) / do ordenado (C);
- dexada (B1, B2, T1, T2, S1, S2) / deixado (C) / deyxãdo (L)

⁴ Já depois deste trabalho estar praticamente realizado e tendo recebido a notícia da descoberta de uma nova edição da obra em língua portuguesa, confrontámos alguns exemplos de anomalias existentes em *C* e *L* com a nova edição (que identificámos como Br1), para ver se as mesmas anomalias eram comuns às três edições. Apresentamos os seguintes exemplos, que provam que a edição agora descoberta teve como base a edição de 1488: – del que es malo (B1, B2, T1, T2, S1, S2) / de mal (C, Br1, L); – llamãdolo (B1, B2) / llamando lo (T1, T2) / llamandolo (S1, S2) / louuãdo (C) / louuando (Br1); / louuãdo (L); – por que el (B1, B2, T1, T2, S1, S2) / pollo (C, Br1, L); – se asento ala diestra (B1, B2, T1, T2) / ssee ala diestra (S1, S2) / ssee asentado a destra (C, L) / ssee asẽtado a dextra (Br1); – ya (B1, B2, T1, T2, S1, S2) / hy (C, Br1) / hi (L).

- dios cõnusco (B1, B2) / dios conusco (T1, T2) / dios sea cõnusco (S1, S2) / Deus conuosco (C) / deos conosco (L);
- dixo (B1, B2, T1, T2, S1, S2) / disso (= disse) (C) / dizẽ (L);
- E dize adelãte (B1, B2, S1, S2) / e dize adelante (T1, T2) / e doze adiante (C) / Seguese adiante (L);
- fieda (B1, B2, T1, T2, S1, S2) / feça (C) / faça (L);
- necessario (B1, B2, T1, T2, S1, S2, L) / neçesaria (C);
- podiêdo las fazer (B1, B2, T1, T2) / pudiendo las fazer (T2) / pudiendolas fazer. (S1, S2) / poendo as a fazer (C) / podendo as fazer (L);
- purga (B1, B2, T1, T2, S1, S2, L) / pura (C);

Da situação 7, ou seja, confusões com a forma castelhana, transcrevemos os seguintes exemplos:

- avnque (B1, B2) / avn que (T1, T2, S1) / aun que (S2) / ahũu que (C) / ahũ que (L);
- e el omne (B1, B2, T1, T2, S1, S2) / e elle homẽ (C) / e elle homem (L);
- e prouecho asi (B1, B2, S1, S2) / o prouecho asi (T1, T2) / o proueito a ssy (C) / o proueyto a sy (L);
- el titulo dela madre (B1, B2, T2, S1, S2) / el tytulo dela madre (T1) / o titulo della madre (C) / o titulo de la madre (L);
- por el effecto (B1, B2) / por el efecto (T1) / por el efeto (T2, S1, S2) / por elle efecto (C) / por que elle he feyto (L);

Nalguns dos casos, na edição *L* a confusão com o castelhano aparece revista:

- E el anima (B1, B2, T2, S1, S2) / e anima (T1) / E elle anima (C) / e a alma (L);
- Emanuel. es (B1, B2) / Manuel es (T1) / Manuel es (T2) / Emanuel. es (S1) / Hemanuel. Es (S2) / Manueles (C) / Manuel. he (L);
- todas cosas le deuemos (B1, B2) / todar [sic] las cosas le deuemos (T1) / todos Le deuemos (T2) / todas cosas lo deuemos (S1, S2) / todas as cousas elle deuemos (C) / todas as cousas deuemos (L);

Ao longo de toda a obra, os castelhanismos, quer a nível vocabular, quer a nível sintáctico, são bastante frequentes, o que pode significar que, ou o tradutor esteve desatento, ou o impressor, provavelmente castelhano, tendo um conhecimento da língua portuguesa bastante rudimentar, fez uma interpretação muito pessoal do manuscrito em português de que fora incumbido passar a letra de imprensa. De outro modo seriam inexplicáveis ocorrências como: *benes*, *cardinales*, *çelebro*, *color*, *confisonees*, *difynições*, *conjuraçonees*, *conçimento*, *Dios*, *diuisonnees*, *êtençonees*, *fasta* (por *até*), *fingiendo*, *hyrmanas*, *oraçonees*, *su madre*, *tuue*, *veinte*, *vergonça*, etc.

4. Conclusões

Através da análise das anomalias gráficas existentes no incunábulo do *Sacramental* existente na Biblioteca do Rio de Janeiro e da comparação com as anomalias de outros incunábulo castelhanos anteriores, pudemos chegar à conclusão da existência de duas tradições textuais em língua castelhana: uma que passa pelas edições incunabulares de Burgos e Toulouse e outra que passa pelas edições de Sevilha. Constatámos ainda que o incunábulo português pertence à tradição que deu origem às edições de Burgos e de Toulouse, estando no entanto mais próxima das edições de Toulouse, o que pode levar-nos a considerar a pré-existência de um manuscrito que originou estas edições castelhanas por um lado e a primeira edição portuguesa por outro.

Comparando as anomalias do incunábulo português com as da edição recentemente descoberta (1494-1500) e com a edição de 1502 impressa em Lisboa, e inexistentes nas

edições castelhanas anteriores, verificámos que muitas delas coincidem e que outras foram corrigidas, o que prova que estas duas últimas edições tiveram como texto-base um exemplar da edição a que pertence o incunábulo da Biblioteca do Rio de Janeiro, sendo este facto uma prova irrefutável para considerarmos este incunábulo como pertencente à edição impressa em Chaves em 1488.⁵

Bibliografia

ANSELMO, Artur (1997), *Estudos de História do Livro*, Lisboa, Guimarães Editores.

CARVALHO, Francisco Freire de (1845), *Primeiro Ensaio sobre a História Literária de Portugal*, Lisboa, Tipografia Rollandiana.

HABLER, Konrad (1995), *Introducción al Estudio de los Incunables*, Madrid, Ollero & Ramos Editores.

HORCH, Rosemarie Erika (1985), *Luzes e Fogueiras: dos Albores da Imprensa ao Obscurantismo da Inquisição no Sacramental de Clemente Sánchez*, tese de doutoramento policopiada, Universidade de São Paulo.

MACHADO, José Barbosa (2004), «Os dois primeiros livros impressos em língua portuguesa», in *Revista de Humanidades*, Braga, vol. 8.

SILVA, Inocêncio Francisco da (1876), *Dicionário Bibliográfico Português*, Lisboa, Imprensa Nacional, vol. II.

SOTO RÁBANOS, José María (2003), «El *Sacramental* de Clemente Sánchez en el Índice de Libros Prohibidos», in *Os Reinos Ibéricos na Idade Média*. Coordenação de Luís Adão da Fonseca, Luís Carlos Amaral, Maria Fernanda Ferreira Santos. Civilização Editora, Porto, vol. II, pp. 709-719.

José Barbosa Machado, 2004

⁵ Acerca de outras provas, vid. o artigo «Os dois primeiros livros impressos em língua portuguesa», in *Revista de Humanidades*, Braga, vol. 8, 2004.